



## Sumário

### APRESENTAÇÃO

- 7 A ficção a serviço da esperança
- 9 O dia em que explodiu Mabata-bata
- 17 A Rosa Caramela
- 31 A menina sem palavra
- 37 O apocalipse privado do tio Geguê
- 57 O embondeiro que sonhava pássaros
- 69 As baleias de Quissico
- 79 O não desaparecimento de Maria Sombrinha
- 85 A menina, as aves e o sangue
- 91 A filha da solidão
- 99 O coração do menino e o menino do coração
- 105 A menina de futuro torcido
- 113 Sapatos de tacão alto
- 119 Nas águas do tempo
- 127 O rio das Quatro Luzes
- 133 O nome gordo de Isidorangela
- 141 O adiado avô
- 149 Inundação
- 155 Glossário
- 157 Sobre o autor

## A FICÇÃO A SERVIÇO DA ESPERANÇA

Os dezessete contos desta antologia foram escritos em fases distintas da carreira do escritor Mia Couto e compõem um panorama surpreendente do universo infantil em Moçambique. Acostumado a reconhecer nos povos africanos a violência e a miséria, o leitor encontrará nesta seleção uma delicadeza que não se vê nos relatos oficiais. As histórias mostram a complexidade que move as relações familiares, a orfandade em um país que viveu por anos em guerra, a realidade das crianças submetidas ao trabalho infantil e impedidas de estudar, e os resquícios da luta pela independência, simbolizados pelas minas, que continuam ativas e matando os “miúdos” que brincam no areal.

Mia Couto é um prosador bastante sensível às complexidades da vida e um escritor que constrói as narrativas inspirado na linguagem oral, revelando a sua influência e admiração pelo nosso Guimarães Rosa. Sem contar a presença do fantástico e do religioso em suas histórias.

No conjunto, as narrativas demonstram o quanto Moçambique inspira um de seus mais importantes escritores, além de nos

fazer entender a metáfora do avô e do neto navegando juntos até o grande lago no conto "Nas águas do tempo", quando ele expressa a necessidade de Moçambique encontrar soluções que equilibrem modernidade e tradição.

O DIA EM QUE EXPLODIU  
MABATA-BATA

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um mútú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.

*“Deve ser foi um relâmpago”,* pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saía o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati,

a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voa incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati. Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

— *Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.*

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só